

DOENÇAS NEGLIGENCIADAS E O SANEAMENTO BÁSICO: UMA COMPARAÇÃO ENTRE AS REGIÕES NORTE E SUL DO BRASIL

Juliana Ferreira da Silva¹

juh.fsilva13@gmail.com

Camila Wroniski de Jesus¹

Luiza Schmitz de Mattos ¹

PALAVRAS-CHAVE: Saneamento básico, doenças negligenciadas, epidemiologia

RESUMO:

INTRODUÇÃO AO TEMA: As doenças negligenciadas são assim conhecidas por não apresentarem atrativos econômicos para o desenvolvimento de novos fármacos, ou que atinjam populações de países em desenvolvimento, onde geralmente as condições de saneamento básico não são adequadas (BRASIL, 2017). O presente trabalho realizou uma comparação sobre a prevalência de doenças como ascaridíase, giardíase e amebíase, entre os estados do sul e do norte do Brasil, através de análise de dados oficiais. **PERCURSO TEÓRICO:** Realizou-se levantamento bibliográfico do período entre 2010 e 2019, nas bases de dados LILACS, Biblioteca Virtual em Saúde (BVS), SciElo, Ministério da Saúde – Brasil, Ministério do Meio Ambiente – Brasil, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), Ministério das cidades – Brasil, Agência Nacional das Águas e livros. Para a pesquisa utilizou-se os descritores “saneamento básico”, “abastecimento de água”, “esgotamento sanitário”, “doenças negligenciadas”, “ascaridíase”, “giardíase”, “amebíase”. Os critérios de exclusão de artigos utilizados foram os materiais publicados anteriormente ao ano de 2010 ou que não correspondiam ao tema. Durante o levantamento bibliográfico, os dados apresentaram grande diferença entre o saneamento básico dentro do país. Em relação às residências com abastecimento de água, em 2015, a Região Sul apresentava 87,9% da população com o serviço, por outro lado a Região Norte apresentava 60,3% da população atendida pelo abastecimento de água (ABES, 2015). De acordo com a Agência Nacional de Águas (2017), a Região Sul apresentava 65% da população com serviço adequado de esgotamento sanitário, em contrapartida, a Região Norte apresentava apenas 33%. Estes índices estão estreitamente relacionados ao aparecimento de doenças negligenciadas. Apesar de serem doenças que atingem uma parte considerável da população, a notificação não é compulsória, o que dificulta o mapeamento e os estudos são restritos a pequenas populações (NUNES, 2016). As doenças negligenciadas são assim denominadas devido ao baixo investimento

destinado à sua prevenção, desenvolvimento de medicamentos e vacinas. Essas doenças se relacionam diretamente com a falta de recursos básicos, como o saneamento (LINDOSO, 2009). Para fins comparativos, foram analisados dados de incidência de três diferentes parasitoses na região Sul e Norte. A giardíase é causada pelo agente *Giardia lamblia*, que é transmitida por meio da ingestão de cistos contidos em água ou alimentos contaminados e por contato sexual (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2010). Tal parasitose acomete o duodeno, causando má absorção de nutrientes e irritação da mucosa, podendo gerar lesões (NAZ. A. *et al.* 2018). A ascaridíase é causada pelo parasito *Ascaris lumbricoides*, o maior nematelminto que parasita o homem. A infecção ocorre pela ingestão de água ou alimentos contaminados com ovos que contenham larvas infectantes (MENEZES, 2013). Os efeitos da infecção por esse parasito são heterogêneos, dependendo do estado imunológico do indivíduo e do estágio do patógeno. Pode ser uma infecção assintomática ou causar manifestações graves, como hemorragia e necrose do tecido alocado, obstrução intestinal, asfixia, abscessos e pneumonia (ROCHA, 2018; AVERBACH, 2018). A amebíase é causada pelo protozoário *Entamoeba histolytica*, transmitido por meio da ingestão de água ou alimentos contaminados (LEITE, 2015). A parasitose se apresenta de diversas formas clínicas, podendo ser assintomática, causar manifestações intestinais, como diarreia, inflamação e dor abdominal, ou extra intestinais, como abscesso hepático, hepatomegalia e hepatite amebiana (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2010; MARQUES *et al.*, 2014). As informações quanto a prevalência destas parasitoses no Brasil são escassas, devido à baixa notificação, porém observou-se uma relação entre regiões que possuíam maior incidência destas parasitoses com a falta de saneamento básico presente nesta região, sendo que nesta se tinha uma maior população vivendo em situações precárias, notando que as regiões Norte e Sul do Brasil possuem uma desigualdade quanto ao saneamento básico e assim também existe uma diferença quanto a ocorrência de parasitoses (ROLIM, 2016). Analisando a incidência de amebíase e ascaridíase foi possível observar que a maior ocorrência desta é na região Norte (VISSER, *et al.* 2011; LEITE, 2015; ROSA, 2016; KATZ, 2018). Já quando observada a ocorrência de giardíase verifica-se que a maior ocorrência é na região Sul do Brasil, porém acredita-se que está maior ocorrência seja devido a uma maior notificação desta parasitose (NUNES, 2016; MENEZES, 2013). **CONCLUSÃO:** Com tudo exposto, verifica-se uma maior ocorrência de doenças como ascaridíase, giardíase e amebíase em regiões com menor cobertura de saneamento básico, como na região Norte. Assim, nota-se uma necessidade de investimentos em saneamento básico e pesquisas diretamente relacionadas à estas doenças, para que se tenha uma maior abordagem sobre estas e informações que auxiliem em um melhor diagnóstico e tratamento.

1. Acadêmica do Curso de Graduação em Biomedicina do 7º período das Faculdades Pequeno Príncipe (FPP).

REFERÊNCIAS

ABES, Associação brasileira de engenharia sanitária e ambiental. **Situação do saneamento básico no Brasil**: uma análise com base na PNAD 2015. Rio de Janeiro: ABES, 2015.

AVERBACHH, M.; **TRATADO ILUSTRADO DE ENDOSCOPIA DIGESTIVA**. Thieme Revinter Publicações LTDA, Rio de Janeiro, 2018.

BRASIL. Ministério da Saúde. Agência Nacional de Vigilância Sanitária. **Resolução da Diretoria Colegiada – Rdc. N° 204**, De 27 de dezembro de 2017.

BRASIL, Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Departamento de Vigilância Epidemiológica. **Doenças Infecciosas e Parasitárias. Guia de Bolso**. 8 ed. Brasília, DF, 2010.

KATZ, N. **Inquérito Nacional de Prevalência da Esquistossomose mansoni e Geohelmintos**. Belo Horizonte: CPqRR, 2018.

LEITE, M.; **Ancestralidade genômica como fator predisponente para amebíase invasiva**. UFMG, Belo Horizonte, 2015.

LINDOSO, J.A.L.; LINDOSO, A.A.B.P. **Neglected tropical diseases in Brazil**. Rev Inst Med Trop, 51(5): 247-253, São Paulo, 2009.

MARQUES, F.C.; SANCHES, B.; GUERREIRO, A.; NUNES, F.; AZEREDO, P. **Abcesso hepático amebiano em idade pediátrica - um caminho do intestino ao fígado**. GE Port J Gastroenterol. 2014.

MENEZES, R. A. O. **Caracterização epidemiológica das enteroparasitoses evidenciadas na população atendida na unidade básica de saúde Congós no município de Macapá-Amapá**. Macapá, 2013. Dissertação (mestrado em Ciências da Saúde) – Fundação Universidade Federal do Amapá, Macapá, 2013. Disponível em: <<http://www2.unifap.br/ppcs/files/2012/02/Disserta%C3%A7%C3%A3o-de-mestrado-RUBENS-25.03.2013.pdf>>

NAZ, A. *Et Al*. **Cross-sectional epidemiological investigations of *Giardia lamblia* in children in Pakistan**. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-31802018000500449/>

NUNES, B.T. ***Giardia duodenalis* em três municípios das regiões norte e nordeste do Brasil**: estudo epidemiológico, molecular, ações de educação em saúde. 160f. Tese (Doutorado) – Instituto Oswaldo Cruz, Pós-Graduação em Medicina Tropical, Rio de Janeiro. 2016.

ROCHA, L. V., et al; **Parasitologia 1**: helmintos de interesse médico. Appris, Curitiba, 2018.

ROLIM, G. L. et al. **Transmissão de parasitoses pela água**: uma revisão integrativa. Anais I CONIDIS... Campina Grande: Realize Editora, 2016. Disponível em: <<https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/24206>>. Acesso em: 19/09/2020

Rosa, J.D. **Prevalência de enteroparasitoses e ações educativas em escolares do município de Santo Amaro da Imperatriz – SC, Brasil**. Florianópolis (SC): Universidade Federal de Santa Catarina; 2016.

VISSER, S et al . Estudo da associação entre fatores socioambientais e prevalência de parasitose intestinal em área periférica da cidade de Manaus (AM, **Brasil**). **Ciênc. saúde coletiva**, Rio de Janeiro , v. 16, n.8, p. 3481-3492, 2011 . Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232011000900016&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 20 Setembro 2020.